

## **VIOLÊNCIA, RACISMO E CORPO FEMININO: LEITURA LITERÁRIA DO CONTO “MARIA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO, E FORMAÇÃO CRÍTICA DE ALUNOS/AS DO ENSINO MÉDIO**

Fátima Ingrid Bezerra Bonfim <sup>1</sup>

### **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo discutir a importância da leitura decolonial de Conceição Evaristo no processo de formação crítica de leitores no contexto do ensino médio, bem como explorar práticas transgressoras de leitura literária para além do cânone. Para tanto, no que concerne ao aporte teórico, este estudo se debruça, sobretudo, nas pesquisas de Cosson (2009), Saffioti (2004) e Lugones (2020). Nesse sentido, realizamos a leitura e discussão do conto “Maria”, contido na obra *Olhos d’água* (2016). Através da leitura literária desse conto, foi possível perceber que Conceição Evaristo denuncia as faces da violência racial e de gênero. A metodologia deste estudo, por sua vez, foi desenvolvida a partir da abordagem qualitativa e da realização de uma oficina de leitura literária. Durante o desenvolvimento da oficina, foi perceptível o envolvimento e protagonismo dos/as estudantes sobre o texto literário, culminando em reflexões e em produções textuais/artísticas com vistas a refletir criticamente sobre a violência de gênero. Os resultados obtidos apontam para a importância de uma formação crítica de leitores na Educação Básica por meio da leitura literária. Além disso, podemos perceber como a literatura pode ser uma ferramenta essencial para debater e questionar a violência racial e de gênero, contribuindo, portanto, para um ensino-aprendizagem crítico e emancipatório.

**Palavras-chave:** Violência de gênero, Leitura literária, Conceição Evaristo, Formação de leitores.

### **INTRODUÇÃO**

A literatura é um elemento vital para a sociedade. Como objeto estético, o texto literário proporciona experiências que desenvolvem a sensibilidade e o senso crítico das pessoas (CANDIDO, 2011). No contexto escolar, a literatura é, historicamente, um dos principais pilares no processo de formação de leitores críticos, especialmente no que tange à educação básica. No entanto, a literatura canônica muitas vezes reflete uma visão eurocêntrica e patriarcal, excluindo vozes periféricas e marginalizadas (MACEDO, 2021). Diante disso, torna-se urgente discutir o papel da leitura decolonial, particularmente de autoras como Conceição Evaristo, para fomentar uma formação crítica que se oponha a estruturas opressivas. Este artigo propõe analisar como a obra de Conceição Evaristo, notadamente o conto “Maria”, presente na coletânea *Olhos d’Água*

---

<sup>1</sup> Mestra em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGEL) da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professora da Educação Básica (SEDUC-CE), [ingrid\\_bonfim@hotmail.com](mailto:ingrid_bonfim@hotmail.com)

(2016), pode ser uma ferramenta pedagógica transformadora no contexto do Ensino Médio, permitindo a reflexão sobre questões de violência racial e de gênero.

A leitura decolonial, nesse viés, visa não apenas à compreensão crítica do texto literário, mas também à construção de uma nova perspectiva que valorize as narrativas de resistência e de enfrentamento ao racismo e ao patriarcado. Em sintonia com o pensamento de Cosson (2009), a leitura literária no ambiente escolar deve ultrapassar a simples decodificação de signos linguísticos, promovendo a formação de sujeitos críticos e conscientes de seu papel social. Lugones (2020), por sua vez, argumenta que a colonialidade de gênero é uma estrutura profundamente enraizada na sociedade, que pode ser desafiada por meio de práticas transgressoras, como a literatura.

Com base nisso, este trabalho aborda a importância da leitura decolonial de Conceição Evaristo na formação crítica de leitores no Ensino Médio, com ênfase na desconstrução do cânone literário tradicional e no debate sobre violência racial e de gênero. Com base em teóricos como Cosson (2009), Saffioti (2004) e Lugones (2020), a pesquisa explora a obra “Olhos d’água”, especialmente o conto “Maria”, para analisar como a literatura pode ser uma ferramenta de conscientização crítica no contexto da Educação Básica.

A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, envolvendo a realização de uma oficina de leitura literária com estudantes do Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio de um *campus* do IFCE, cuja análise revelou o protagonismo dos/as alunos/as em reflexões sobre as opressões vivenciadas no conto de Evaristo. Os resultados mostram que a leitura decolonial é uma estratégia eficaz para fomentar a crítica social e promover o ensino-aprendizagem emancipatório, ressaltando o papel da literatura como um meio de debater questões como o racismo e o patriarcado na Educação Básica. Ao final, conclui-se que a leitura crítica de obras de Evaristo é fundamental para promover a formação de sujeitos mais conscientes e engajados socialmente.

## **METODOLOGIA**

Este estudo foi desenvolvido por meio de uma abordagem qualitativa, envolvendo a realização de uma oficina de leitura literária com estudantes do Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio do IFCE *campus* Tabuleiro do Norte. A oficina foi

realizada no ano de 2023 com turmas do 3º ano do ensino médio e teve como objetivo explorar o conto “Maria”, utilizando-o como ponto de partida para discussões sobre violência de gênero e racial. A partir dessa proposta, foi possível observar o protagonismo dos/as estudantes na interpretação e na produção de textos críticos e artísticos, refletindo sobre as questões apresentadas na obra.

A análise das produções dos/as estudantes revelou uma compreensão profunda das violências denunciadas por Conceição Evaristo, bem como a capacidade de transpor tais discussões para a realidade cotidiana. O uso da metodologia qualitativa permitiu um olhar mais atento ao processo de construção de sentido pelos/as alunos/as, enfatizando suas perspectivas e protagonismo no processo de aprendizagem.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Conceição Evaristo, escritora e intelectual brasileira, é uma das principais vozes da literatura contemporânea que denuncia as intersecções entre raça, gênero e classe no Brasil. Em sua obra, as personagens femininas frequentemente enfrentam situações de opressão e violência que refletem a realidade de muitas mulheres negras na sociedade brasileira. No conto “Maria”, Evaristo revela as múltiplas camadas de violência vividas por mulheres negras, trazendo à tona questões como o racismo, o sexismo e a marginalização social.

A leitura decolonial, ao se debruçar sobre obras como a de Evaristo, permite um deslocamento das práticas tradicionais de leitura que privilegiam autores e temas do cânone ocidental. Em vez disso, foca em narrativas que trazem à tona experiências de sujeitos historicamente silenciados, contribuindo para a conscientização crítica dos leitores. A proposta de Lugones (2020) sobre a desobediência epistêmica é essencial aqui, pois aponta para a necessidade de questionar e romper com as estruturas de poder que moldam o imaginário social, incluindo o espaço literário.

No campo da educação literária, a leitura crítica é vista como uma ferramenta essencial para a formação de sujeitos capazes de compreender e questionar as relações de poder presentes nas narrativas. Segundo Cosson (2009), a leitura literária deve ser encarada como uma prática social que extrapola a decodificação de símbolos linguísticos e permite ao leitor posicionar-se de maneira crítica em relação à realidade que o cerca. A partir dessa perspectiva, a obra de Conceição Evaristo, uma das

principais vozes da literatura afro-brasileira, é um material potente para desencadear reflexões sobre opressão, racismo e violência de gênero. Sua literatura está inserida dentro do que Boaventura de Sousa Santos (2019) chamaria de uma epistemologia do Sul, na medida em que propõe uma leitura do mundo a partir das margens, desafiando as tradições canônicas e eurocêntricas.

Essa ideia de uma pedagogia crítica da leitura é ampliada por Lugones (2020), ao introduzir a noção de "colonialidade de gênero". Lugones argumenta que a dominação colonial não se manifestou apenas através da exploração econômica e racial, mas também através da imposição de categorias de gênero que reificaram a opressão sobre as mulheres não brancas. Essa perspectiva decolonial propõe que a leitura de obras de autoras como Evaristo seja uma forma de desobediência epistêmica, na medida em que se recusa a aceitar as hierarquias e os silenciamentos impostos pelas narrativas dominantes. Nas palavras de Ribeiro (2018, p. 27),

É imprescindível que se leia autoras negras, respeitando suas produções de conhecimento e se permitindo pensar o mundo por outras lentes e geografias da razão. É um convite para um mundo no qual diferenças não signifiquem desigualdades. Um mundo onde existam outras possibilidades de existência que não sejam marcadas pela violência do silenciamento e da negação (RIBEIRO, 2018, p. 27).

Assim, pode-se perceber que a literatura pode atuar como uma prática de resistência, desconstruindo as naturalizações de gênero e raça e abrindo espaço para novas formas de existência e subjetividade.

Ainda no campo dos estudos de gênero e violência, a teórica Heleieth Saffioti (1984) apresenta uma análise das estruturas patriarcais que mantêm a subordinação das mulheres e como essas se articulam com as dinâmicas de classe e raça. Segundo Saffioti, o poder masculino é exercido de maneira violenta e estrutural, sendo necessário expor e debater essas formas de violência para que elas possam ser combatidas. No conto "Maria", de Conceição Evaristo, a violência sofrida pela protagonista reflete precisamente essas interseccionalidades: Maria é uma mulher negra, pobre, e sua experiência de opressão é atravessada tanto pelo racismo quanto pelo sexismo. Essa abordagem crítica do texto literário permite que os estudantes não apenas identifiquem essas formas de violência, mas também compreendam como elas estão presentes em suas próprias realidades.

A leitura de obras como as de Conceição Evaristo promove uma ruptura com o conceito tradicional de cânone literário, que historicamente privilegiou autores europeus e homens brancos. Consoante Cosson (2020), é por meio do letramento literário que o/a aluno/a é visto como “principal agente do processo pedagógico”, (COSSON, 2020, p. 191), e não como um mero reproduzidor do conhecimento. Com base nisso, ao expandir o repertório de leitura dos estudantes para incluir vozes como a de Evaristo, o professor oferece um espaço de construção de uma nova subjetividade crítica. Esse processo de leitura é transformador porque permite que os estudantes se reconheçam nas histórias, especialmente aqueles que, como as personagens de Evaristo, fazem parte de grupos historicamente marginalizados. A presença de narrativas que exploram o racismo e a violência de gênero na sala de aula abre caminho para discussões que vão além do texto literário, permitindo aos/as alunos/as desenvolver uma consciência crítica em relação à sociedade em que vivem.

Além disso, a leitura literária de obras de autoras como Conceição Evaristo pode ser entendida como um ato de empoderamento, tanto para estudantes quanto para docentes. O ato de ler e interpretar narrativas de mulheres negras, que trazem à tona suas vivências e resistências, contribui para a ressignificação da experiência leitora, transformando-a em uma prática de engajamento social. Como sugere Hooks (2017), a educação crítica se realiza quando o processo de ensino-aprendizagem fomenta o engajamento ativo dos estudantes e os convida a questionar e refletir sobre sua realidade. Através da leitura decolonial, os estudantes são incentivados a serem não apenas consumidores passivos de textos, mas sujeitos ativos na construção de sentidos e críticas.

Por fim, o referencial teórico aqui discutido reforça que a leitura literária no contexto escolar, especialmente de obras que desafiam o status quo, como as de Conceição Evaristo, tem o potencial de gerar rupturas significativas no processo de ensino-aprendizagem. A crítica ao cânone, associada à incorporação de narrativas de resistência, possibilita um ambiente de aprendizagem onde os estudantes podem desenvolver uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais de opressão. Assim, o ensino de literatura não se limita ao texto, mas se expande para o campo das práticas de liberdade, conforme proposto por Paulo Freire (1987), criando um espaço no qual a educação se torna uma ferramenta para a transformação social e a emancipação dos sujeitos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da oficina indicam que a literatura pode ser uma ferramenta poderosa no processo de formação crítica de leitores. O conto “Maria” foi utilizado como uma forma de introduzir discussões sobre violência de gênero, racismo e as dificuldades enfrentadas por mulheres negras no Brasil. Os/as estudantes demonstraram grande envolvimento nas discussões, trazendo reflexões pessoais e questionando as estruturas sociais opressivas.

Além disso, as produções artísticas e textuais criadas pelos/as estudantes refletem uma compreensão crítica das problemáticas abordadas, evidenciando como a literatura pode ser utilizada como meio de reflexão e contestação. A violência de gênero e racial, temáticas centrais no conto de Evaristo, foram discutidas a partir de uma perspectiva interseccional, considerando as múltiplas camadas de opressão que afetam as personagens.

Este estudo corrobora as discussões de Cosson (2009) sobre a leitura literária como prática social, enfatizando a importância de uma pedagogia que vá além da mera interpretação de texto e que valorize a formação de sujeitos críticos e engajados. Ao utilizar a obra de Conceição Evaristo, foi possível oferecer aos/às estudantes a oportunidade de se reconhecerem nas histórias lidas, o que potencializa o impacto da leitura literária como ferramenta de transformação social.

Após a oficina, houve um debate sobre o conto e, em seguida, os/as estudantes escreveram textos, em sua maioria poesias e desenhos, a partir da reflexão evocada pela leitura e discussão do conto. A seguir, temos a criação de três poesias feitas pelos/as alunos/as.

Sob a pele,  
carrego o fardo de uma cor que o mundo finge não ver,  
mas sente, atira, condena.  
Os meus passos ecoam,  
cada rua se transforma em sentença,  
onde o racismo é lei não escrita,  
mas gravada em cada olhar desviado.

Nossos antepassados sussurram nas veias,  
gritando em silêncio o que o tempo tenta apagar.  
Suas lutas são as nossas,  
seu sangue ainda corre nas vielas,  
nas favelas,  
onde o medo veste o rosto de quem sobrevive.

A história, feita de correntes e chicotes,  
não se foi com os navios negreiros.  
Ela ressurgiu nas esquinas,  
nas mãos que apertam gatilhos,  
no racismo que disfarça,  
mas nunca desaparece.

Negra é a vida que teima em brotar,  
mesmo em solo de ódio e negação.  
E mesmo que a bala encontre meu corpo,  
minha voz resistirá,  
pois o racismo não cala a força  
que nasce de séculos de opressão.

(ALUNA 1 - 2º ano do Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio)

Maria esperava no ponto,  
o peso da sacola marcava suas mãos,  
frutas e restos de um banquete alheio,  
enquanto a vida continuava dura,  
com três filhos para criar,  
e uma saudade cravada no peito.

Quando o ônibus chegou,  
ela subiu cansada,  
lembranças de um amor ausente,  
do homem que foi, que nunca ficou.

Mas ali estava ele,  
na frente, com uma arma na mão,  
o pai de seu primeiro menino,  
e o medo que se transformava em dor.

O silêncio pesava no ar,  
não pela ameaça do assalto,  
mas pelo terror da vida.  
Os gritos vieram de trás,  
um julgamento rápido e cruel:  
"Negra safada, cúmplice dos ladrões!"

As vozes não conheciam Maria,  
mas conheciam sua pele,  
seu corpo, sua cor.  
Ela não tinha ouro,  
não tinha alianças,  
somente um corte profundo nas mãos,  
feito por uma faca que corta até a vida.

O primeiro tapa veio como sentença,  
o linchamento como punição.  
Seu corpo negro, alvo de ódio,  
dilacerado sem piedade,  
pisoteado por mãos que nunca a tocaram,  
mas que carregavam o peso  
de séculos de violência e racismo.

A sacola se abriu,  
as frutas rolavam pelo chão,  
misturadas com o sangue de Maria.  
E enquanto a vida a deixava,  
ela ainda se perguntava,  
com doçura no peito:  
"Será que os meninos gostam de melão?"

O ônibus esvaziou,  
e Maria não chegou a tempo  
de dizer ao filho  
que o pai mandou um abraço,  
um beijo,  
um carinho.

(ALUNA 2 - 2º ano do Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio)

Maria, cansada,  
sacolas pesadas,  
restos de festa e sonhos quebrados.

No ônibus, o amor ausente,  
arma em punho,  
e o medo da vida crescendo.

"Negra safada!" gritaram,  
não conheciam seu nome,  
só a pele marcada,  
o corpo julgado.

Tapa, linchamento,  
seu sangue e frutas no chão,  
tudo dilacerado,  
por uma faca que corta até a vida.

Ainda pensava nos filhos:  
"Será que gostam de melão?"

(ALUNO 1 - 2º ano do Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da análise do conto “Maria” e da realização da oficina de leitura literária, ficou evidente que a literatura decolonial de Conceição Evaristo pode

desempenhar um papel fundamental na formação crítica de leitores no Ensino Médio. Ao abordar questões como a violência racial e de gênero, a obra de Evaristo oferece uma oportunidade única para que os/as estudantes reflitam sobre sua realidade e se posicionem criticamente em relação às injustiças sociais.

Os resultados obtidos indicam que a leitura literária pode ser uma estratégia eficaz no desenvolvimento de uma consciência crítica e emancipatória entre os/as jovens, contribuindo para a construção de um ensino-aprendizagem mais inclusivo e reflexivo. Assim, é fundamental que práticas pedagógicas que incorporem a leitura decolonial sejam incentivadas e promovidas nas escolas, a fim de que mais estudantes tenham acesso a vozes e narrativas que historicamente foram marginalizadas.

## REFERÊNCIAS

- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.
- COSSON, R. **Ler, ensinar e aprender literatura: prática e ensino na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2009.
- COSSON, R. **Paradigmas do ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 2020.
- EVARISTO, C. **Olhos d'água**. São Paulo: Pallas, 2016.
- LUGONES, M. **Colonialidade e gênero: rumo a um feminismo descolonial**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- MACEDO, M. S. A. N. **A função da literatura na escola: resistência, mediação e formação leitora**. São Paulo: Parábola, 2021.
- RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.